

# POLPAS DE FRUTAS NO PARÁ: A FORMAÇÃO DE UM ARRANJO PRODUTIVO

**Eduardo Otávio Ferreira Vasconcelos<sup>1</sup>, José Luís Gomes da Silva<sup>n</sup>**

<sup>1</sup>Universidade de Taubaté, Mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional, Rua Exp. Ernesto Pereira, Portão 2 - Taubaté – SP - Cep: 12030-320, vasconcelos\_edu@yahoo.com.br

<sup>n</sup> Universidade de Taubaté, Mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional, Rua Exp. Ernesto Pereira, Portão 2 - Taubaté – SP - Cep: 12030-320, gomesdasilvaster@gmail.com

**Resumo-** A expansão dos arranjos cooperativos no cenário mundial fez com que a percepção das empresas quanto ao lugar que ocupam e os atores envolvidos nesse processo tivessem uma evolução, de modo a aliar competitividade e cooperação. A junção de empresas em arranjos produtivos possibilita o crescimento e desenvolvimento regional, incluindo seus membros participantes. O potencial da fruticultura na região Amazônica é bastante elevado, além da sua atratividade no exterior, possuindo lugar de destaque. Sob a ótica social é a atividade que detém maior potencial de crescimento e distribuição para a população, envolvendo desde pequenos produtores até indústrias processadoras. Baseando nas características específicas dos tipos de arranjos existentes, este trabalho tem como objetivo identificar e caracterizar o tipo e as vantagens de um arranjo produtivo no setor de polpas de frutas no Pará.

**Palavras-chave:** Arranjos produtivos; Polpas de frutas; Desenvolvimento Regional.

**Área do Conhecimento:** Ciências Sociais Aplicadas

## Introdução

A Região Amazônica possui dentre suas características principais, a grande diversidade de frutas exóticas e típicas da região. O Pará, por sua vez, possui um grande potencial frutífero, tendo este setor demonstrado grandes possibilidades de crescimento. O setor de polpas de frutas no Pará retém em seu poder um forte apelo comercial, tanto em caráter nacional quanto internacional, oferecendo inúmeras oportunidades de negócios.

Atualmente, o cenário econômico e empresarial brasileiro passa por mudanças significativas onde a competição acirrada, abertura econômica, políticas de incentivo e globalização das atividades econômicas. Diante desse panorama, as empresas vêm buscando alternativas que possibilitem o crescimento e o fortalecimento de seus negócios, dentre essas, a de operarem em áreas de negócios afins, localizando-se e atuando de forma próxima.

Dessa maneira surgem os arranjos cooperativos, que se constituem em aglomerações de empresas em um mesmo espaço geográfico e que mantêm um vínculo de cooperação, interação e aprendizagem, despontando nesse contexto como uma estratégia competitiva viável para diversos setores, inclusive o setor de polpas de frutas.

Neste contexto, este trabalho tem como objetivo identificar e discutir os diversos conceitos existentes sobre aglomerados, distritos industriais e *clusters*, de forma a identificar e caracterizar o tipo de arranjo em potencial no setor de polpas de frutas, norteando as sugestões na construção de estratégias para o desenvolvimento dessas

empresas, e conseqüentemente proporcionar maior competitividade, crescimento econômico e social para a região analisada.

## Conceitos de Aglomerados, Distritos Industriais e *Clusters*

O termo aglomeração, seja ela produtiva, científica, tecnológica e/ou inovativa, possui como característica fundamental a proximidade territorial de atores econômicos, políticos e sociais (empresas e outras organizações públicas e privadas) envolvidos (GASPIL, 2005).

Outro ponto que merece consideração com relação ao termo reside na formação de economias de aglomeração, através de vantagens provenientes da proximidade geográfica entre os atores envolvidos, acesso a conhecimentos e capacitação, mão-de-obra especializada, matérias-primas, máquinas e equipamentos, dentre outros. Essas aglomerações possibilitam e aumentam as chances de sobrevivência e crescimento das empresas, formando uma significativa fonte de geração de vantagens competitivas e tornando-se valiosas as Pequenas e Médias Empresas - PMEs (GASPIL, 2005).

De maneira abrangente, acredita-se atualmente que as fontes locais de competitividade são imprescindíveis ao crescimento das empresas e o aumento de sua capacidade inovativa, sendo os aglomerados, expressões claras do conceito de competitividade. Esse aumento tornou-se mais difundido na década de 90, o que explica em parte o forte apelo político que os aglomerados e demais tipos arranjos produtivos possuem, tanto

em termos de ação quanto em análise (CASSIOLATO E SZAPIRO, 2003).

Segundo o BNDES (2004) os arranjos cooperativos ou produtivos são sistemas de produção enraizados ao local em arranjos, devido aos benefícios que a própria localização proporciona, estando estas vantagens associadas de forma geral à cooperação e ao aperfeiçoamento do conhecimento técnico e comercial, tornando possível às pequenas e médias empresas locais competirem com as grandes empresas globais. Esse processo de geração e difusão de conhecimentos são catalisadores que permitem o desenvolvimento regional em um mundo globalizado.

Porter (1999b) define algumas características importantes dos aglomerados, que vão além da mera proximidade geográfica, tais como a capacidade de proporcionar insumos especializados de melhor qualidade, menos custo e fácil acesso em componentes, equipamentos, maquinários e pessoal; acesso a informações em virtude da proximidade e das relações; difusão de conhecimentos e de tecnologias existentes, e conseqüentemente proporcionar a aprendizagem coletiva.

Já, Visconti (2001) pontua os distritos industriais como arranjos cooperativos formados por PME's, tendo como características principais a concentração geográfica, especialização setorial, crédito facilitado, existência de instituições de treinamento e de capacitação, cooperação e competição interfirmas, além de uma forte identidade sociocultural.

Todas as relações existentes dentro do distrito industrial são pautadas no espírito de cooperação, onde as empresas dentro de cada mercado, competem sem utilizar-se de estratégias que aniquilem as demais. Essa estratégia adotada se deve a noção existente de que o êxito de uma empresa depende do êxito das demais, visto que todas são membros de uma única comunidade, permitindo assim o intercâmbio livre de informações e idéias (SINGER, 2004).

A confiança existente representa um outro aspecto-chave no sucesso dos distritos industriais, uma vez que as instituições financeiras locais por possuírem um estreito relacionamento com esses produtores e o distrito industrial em si, propiciam a alavancagem dos recursos indispensáveis à execução dos investimentos, através de melhores linhas de crédito, taxas reduzidas e prazos mais extensos (VISCANTI, 2001).

De acordo com Amato Neto (2000, APUD CARDOSO, 2005) os *clusters* constituem uma evolução do conceito de aglomeração espacial formulada pelo economista Alfred Marshall. Foi a partir da visão de Marshall dos distritos industriais, que surgiu o conceito de eficiência coletiva, no qual os ganhos podem ser obtidos através da

aglomeração de empresas, próximas geograficamente e atuando de forma coletiva, tornando-as mais eficientes que isoladas umas das outras.

Esses agrupamentos ou aglomerados denominados de *clusters* foram definidos por Porter (1999a, p.102) como "concentrações geográficas de empresas de determinado setor de atividade e companhias correlatas", onde estas podem ser desde fornecedores de insumos – máquinas e serviços – até provedores de infraestrutura especializada.

Porter (1999b) acrescenta um diferencial ao processo de identificação das características de um *cluster* ao pontuar que a formação advém em conseqüência da ação de uma empresa de maior porte e sua relação com diversas outras empresas de menor porte ou PMEs satélites. Segundo o autor "a identificação das partes constituintes do aglomerado exige que se adote como ponto de partida uma grande empresa ou uma concentração de empresas semelhantes, para em seguida se analisar a montante e a jusante a cadeia vertical de empresas e instituições" (PORTER, 1999b, p. 212).

O *cluster* desenvolve-se a partir da vocação regional existente, podendo incluir empresas produtoras de produtos finais, verticalizar-se a jusante (serviços) ou a montante (fornecedores), além de conter associações de suporte privadas ou com ligações ao governo. No entanto, nem todo *cluster* obrigatoriamente contém toda a cadeia produtiva, podendo haver vários consórcios, um único grande consórcio ou nenhum consórcio, existindo apenas relações de parceria comerciais ou de negócios não contratuais (CASAROTTO FILHO, 2003).

Porter (1999b) afirma que os *clusters*, se constituem nos mais diversos setores, desde os mais tradicionais, passando pelos setores de serviços e fabricação, até os de alta tecnologia..

Os principais modelos de arranjos cooperativos identificados na literatura apresentam particularidades muito próximas, além de características comuns como cooperação, competitividade, mesmo setor industrial e a mais conhecida: proximidade geográfica. Portanto, tais arranjos são passíveis de serem confundidos.

Farah Jr. (2002) atenta para o fato de que nem sempre uma aglomeração setorial e geográfica pode ser definida como um aglomerado, distrito industrial ou *cluster*, em virtude da necessidade eminente de relações cooperativas, interesses compartilhados, sinergia, simbiose e confiança mútua.

Buscando elucidar essas diferenças sem que ocorram análises tendenciosas, dada a propensão a isto, demonstra-se por meio do Quadro 1 as principais características dos tipos de arranjos cooperativos.

Quadro 1 - Principais características dos Tipos de Arranjo Cooperativo

|                     | Características Específicas                             | Características Comuns         |
|---------------------|---|--------------------------------|
| Aglomerado          | Varição geográfica abrangente, municipal até nacional   |                                |
|                     | Concentração de Pequenas e Micro empresas               |                                |
|                     | Associação formal com entidades externas                |                                |
|                     | Mão-de-obra especializada                               |                                |
|                     | Exploração em conjunto das vantagens competitivas       |                                |
|                     | Aprendizagem coletiva inter-empresas                    |                                |
|                     | Abrange fornecedores e prestadoras de serviços          |                                |
|                     |   |                                |
| Distrito Industrial | Região geográfica delimitada a pequenas localidades     | Proximidade geográfica         |
|                     | Concentração de PMEs                                    |                                |
|                     | Presença de princípios baseados na solidariedade social |                                |
|                     | Cooperação entre fornecedores, empresas e clientes      |                                |
|                     | Pouca interação com agentes externos                    | Cooperação entre empresas      |
|                     | Flexibilidade de mão-de-obra entre as empresas          |                                |
|                     | Instituições voltadas à resolução de problemas          | Mesmo setor                    |
|                     | Eficiência coletiva direcionada à geração de vantagens  | industrial                     |
|                     | Empresas com pouca relação entre si                     |                                |
|                     |   |                                |
| Cluster             | Alta concentração geográfica                            | Competitividade entre empresas |
|                     | Presença de todos os tipos de empresas e instituições   |                                |
|                     | Alta especialização das empresas                        |                                |
|                     | Existência de inúmeras empresas de cada tipo            |                                |
|                     | Necessidade de uma indústria líder                      |                                |
|                     | Cultura social adaptada às atividades do arranjo        |                                |
|                     | Aproveitamento de subprodutos                           |                                |

Cabe-se ressaltar que apesar dos esforços em definir e conceituar os arranjos cooperativos, verifica-se que diversos autores afirmam não existir um único conceito ou definição, mas abordagens diferentes. Cardoso (2005) pontua

que alguns autores optam por definir aglomerações, arranjos produtivos e distritos industriais como clusters, sem procurar fazer qualquer distinção conceitual entre os termos. O autor acrescenta ainda que isto ocorra pelo fato dos arranjos serem compostos de diversas formas, dentre elas, de uma grande empresa com pequenas empresas satélites, PMEs operando em rede de relação formais e informais, dentre outros.

### Material e Métodos

Partindo dessa premissa, esta pesquisa tem como proposta de investigação a identificação do tipo de arranjo cooperativo no setor de polpas de frutas no Pará. Para tal, adotou-se a utilização dos conceitos de aglomerado, distrito industrial e *cluster* visando identificar a possibilidade de adequação a um desses tipos de arranjo cooperativo.

Os procedimentos técnicos de investigação possuem como base a pesquisa bibliográfica e a posterior pesquisa documental junto às empresas. Através da pesquisa documental é possível obter-se dados quantitativos e informações, obedecendo as variáveis necessárias, dessas empresas atuantes no setor de polpas de frutas no estado do Pará.

Esses dados obtidos são tratados e classificados de acordo com as variáveis identificadas na literatura e que por si, diferenciam os tipos de arranjos existentes. A identificação desses dados é agrupada por categorias, fato que possibilita identificar as principais características da cadeia produtiva, principalmente do setor de polpas de frutas no Pará, bem como as principais vantagens da formação de um arranjo cooperativo no setor estudado.

### Resultados

No que se refere ao fator proximidade geográfica, as empresas pesquisadas encontram-se localizadas nas Mesorregiões Metropolitana de Belém e do Nordeste Paraense. Todas atuam no mesmo setor industrial, ocorrendo variações apenas na amplitude de produtos oferecidos.

De acordo com a classificação do SEBRAE no que se refere ao setor industrial, às empresas classificam-se em Micro e Pequeno Porte e algumas de médio porte. Excetuando-se o fato de estarem filiadas ao mesmo sindicato, apenas algumas das empresas possuem um elo forte de cooperação entre si. Parte desse resultado deve-se ao forte grau de competitividade que existe no setor.

Com relações das características específicas dos modelos apresentados, verifica-se que a delimitação geográfica permanece dentro do estado, ultrapassando os limites de bairro e

tornando-se municipal. Outro fator relevante é a associação com entidades externas, onde o setor possui relações com a Universidade Federal do Pará, SEBRAE, Ministério da Agricultura, FIEPA, EMBRAPA, SENAI, dentre outros.

Não foi identificada uma flexibilidade de mão-de-obra entre empresas ou ainda a presença de uma indústria líder.

## Discussão

Dos três modelos de arranjos produtivos apresentados, o que mais se aproxima do existente no setor de polpas de frutas no estado do Pará é o modelo de aglomerado. Percebe-se que as características ainda não apresentadas podem vir a ser implementadas através do SINDFRUTAS – Sindicato das Indústrias de Frutas e Derivados do Estado do Pará. Partindo-se do pressuposto que a competitividade gera crescimento, essa proximidade física e potencial de recursos existentes, permitem que haja um estímulo nessa eficiência coletiva de maneira a proporcionar melhorias em comum.

Como as empresas possuem parcerias com universidades e instituições, é possível implementar cursos voltados à conscientização dos empresários, para que estes percebam os benefícios advindos dos aglomerados, diminuindo conseqüentemente as disparidades existentes e aumentando o nível de aprendizagem coletiva inter-empresas.

## Conclusão

A atuação dessas empresas de forma global permitirá uma maior eficiência nas relações entre os atores envolvidos, possibilitando a eficiência coletiva, de forma a utilizarem as informações de maneira ágil, resguardando-se conseqüentemente dos riscos e conduzindo a oportunidades diversas, que levarão ao desenvolvimento não somente das empresas, mas também da região.

O trabalho permitiu apontar o tipo de arranjo existente no setor de polpas de frutas no Pará, o qual constitui-se de um aglomerado, onde as vantagens existentes podem ser trabalhadas adequadamente, de maneira que estas empresas utilizem-se das características existentes, aprofundem algumas ainda pouco evidentes, vindo a obter conseqüente sucesso e os benefícios obtidos por meio deste aglomerado.

## Referências

BNDES - BANCO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. Arranjos produtivos locais e desenvolvimento. Rio de Janeiro: BNDES, 2004.

CARDOSO, Flávio Manoel Coelho Borges. *Cluster de saúde de CERES - GO: Um resgate do seu processo de formação e expansão*. Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2005.

CASAROTTO FILHO, Nelson. *Instrumentos de Integração e Governança em Aglomerações Competitivas*. Campo Grande: UCDB, 2003. Disponível em: <<http://www.ucdb.br/coloquio/arquivos/Casarotto.pdf>>. Acesso em: 04 abr. 2007.

CASSIOLATO, J. E.; SZAPIRO, M. Uma caracterização de arranjos produtivos locais de micro e pequenas empresas. In: LASTRES, H.M.M.; CASSIOLATO, J.E.; MACIEL, M.L. **Pequena Empresa: Cooperação e desenvolvimento local**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

FARAH JR, Moisés F. Uma Proposta de estruturação da capacidade competitiva das Pequenas e Médias Empresas Metal-Mecânicas da região de Curitiba através da formação de um *cluster*. Florianópolis: UFSC, 2002.

GASPIL - GLOSSÁRIO DE ARRANJOS E SISTEMAS PRODUTIVOS E INOVATIVOS LOCAIS. GASPIL. Rede de Pesquisa em Sistemas Produtivos e Inovativos Locais. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005. Disponível em: <<http://redesist.ie.ufrj.br/glossario.php>>. Acesso em: 25 mar. 2007.

PORTER, Michael. Clusters e competitividade. HSM Management. no. 15, Julho – Agosto, 1999.

\_\_\_\_\_. **Competição: estratégias competitivas essenciais**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

SINGER, Paul. Desenvolvimento capitalista e desenvolvimento solidário. Estudos Avançados. Vol. 18, no. 51. São Paulo, 2004.

VISCONTI, Gabriel Rangel. Arranjos Cooperativos e o Novo Paradigma Tecnoeconômico. Revista do BNDES, Rio de Janeiro, V. 8, no. 16, P. 317-344, DEZ. 2001.